

lhe que sabia o que ela tinha feito por suas janelas e ela que não pensasse que ele não lhe era grato por isso. Ela virou a cabeça e foi para casa. Sasson foi levado mais uma vez ao hospital e não saiu mais. Ela pensou: "Realmente, eu amo o senhor Sasson. Ele é delicado e bonito e me fez dois filhos vivos e dois filhos mortos, e um outro, que não é vivo nem morto." E ela pensou no senhor Sasson em sua mortalha.

Durante a noite, Clara costurou para si um vestido de veludo preto, que achara no mercado de pechinchas. A senhora Ronen ficou zangada, dizendo-lhe que não gostava de empregadas domésticas que vinham trabalhar em vestidos de baile brilhantes. No dia seguinte, disse-lhe que os meninos não haviam dormido de tantos pesadelos. E despediu-a, perguntando: "— Você falou sobre a morte com as crianças?" Clara não sabia o que queria dizer a palavra "pesadelos", mas respondeu: "— Eu penso no senhor Sasson em sua mortalha, aproximando-se do seu criador, e choro o meu companheiro de juventude". A senhora Ronen disse: "— Você certamente está aflita, seus olhos vertem lágrimas." E se foi, rindo, encontrar as amigas no Café Royal, para conversar sobre os vestidos novos que já começavam a ser vendidos na cidade em lojas chiques que apareciam como cogumelos após muitos dias de chuva.

Clara desceu do ônibus e foi até o tripolitano. Ele também não sabia o que era pesadelo, mas uma outra mulher, que procurava peixe salgado no tonel, explicou-lhe que pesadelo eram maus sonhos. Triste e cansada, Clara foi para casa. A ruína estava quieta, e passarinhos faziam ninhos no telhado. Ao lado da porta, ela viu um escorpião preto e esmagou-o com o pé. A casa parecia-lhe vazia: Myuhas estava na cadeia e seu segundo filho, Abrão, corria as ruas. Então ela foi até a rua Yehuda Halevi, pedindo a um escrevente de óculos escuros que lhe fizesse uma carta. Ele pôs um papel na máquina de escrever enorme e escreveu:

Assunto: Dispensa de serviço.

Prezada senhora Ronen,

Tenho a honra...

Clara interrompeu-o e disse que ela é quem queria ditar-lhe o que escrever. O homem ofendeu-se, amassou o papel com a mão envolta em tecido preto e acendeu um cigarro. Ele disse: "— Eu escrevo cartas há vinte e três anos e sei escrever cartas". Mas Clara, que não sabia nada, respondeu-lhe: — "Talvez você saiba como escrever, porém, o que escrever eu é que lhe direi." Ele olhou para ela e viu uma mulher bela e forte. Apagou o cigarro, pôs um papel

na máquina e esperou que ela achasse suas palavras. E então escreveu:

"Senhora Ronen,

Eu sou uma mulher dura. Talvez não seja uma boa mãe, porque Myuhas está na cadeia e isso é mau sinal. Tudo isto é verdade. Eu não estava de vestido de baile, mas de luto por meu companheiro de juventude. Para que dizer-me que seus filhos têm pesadelos!!! Que eles não podem dormir! Eu sei que eles dormem sim. Eles dormem nas camas mais macias do mundo. Eles têm coisas bonitas e coisas bonitas fazem sonhos doces. Eles têm um toca-discos, vocês moram numa rua bonita, com árvores e venezianas. Não é bonito falar comigo dessa maneira. A senhora não me manda embora, sou eu que vou, por minha causa e pelo senhor Sasson.

Passe bem,

Clara."

Ela pagou e o homem disse: "— Eu escrevi com todos os erros que você ditou; não diga a ninguém onde escreveram esta carta para você."

Clara olhou-o com um sorriso que de repente brilhou de dentro de si e disse: "— Que importância têm as palavras, as letras? O importante é o coração, e você tem um bom coração." O homem acendeu outro cigarro e acrescentou: "— Sabe, senhora Clara, o coração é o que se perde aqui. Eu venho de Bagdad e lá os judeus eram todos irmãos; aqui são como os gentios, cada um na garganta do outro. Em casa de qual senhora Ronen você esteve, uma da rua Ben Yehuda, cujo filho vai visitar as prostitutas?" E Clara disse: "— Ela não tem filho adulto, apenas três crianças." E então pensou: "quem sabe, quem sabe" — rindo e lembrando-se do senhor Ronen e de Myuhas, que estava na cadeia.

Foi para casa. Anoteceu, as árvores apagaram-se num silêncio surpreendente. Ela cantarolou uma velha canção de pescadores que ouvira na aldeia longínqua onde dera à luz todos os seus filhos, os vivos e os mortos e o que não era nem vivo nem morto. E o sorriso não abandonou seu rosto mesmo depois de comprar um selo e pôr a carta na caixa de correio vermelha.

\* \* \*

Myuhas estava na prisão quando Abrão começou a freqüentar a rua das pessoas amargas. Ele fazia a corte à Siona e queria casar